

Director: Vítor Manuel
Comes Rafael, OFM

Ano LXXVIII - N.º 319
Julho de 2015
Preço: 0,50€

Missões

PAZ E BEM

FRANCISCANAS

MENSÁRIO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO MISSIONÁRIA

Procuradoria Nacional da UMF celebra Dia Missionário

Texto: Frei Vítor Rafael

“Este ano falámos da presença franciscana em Marrocos.”

A União Missionária Franciscana realizou no passado dia 7 de junho um “Dia Missionário” no Convento de S. Francisco, em Leiria.

Logo pela manhã começaram a chegar os Zeladores e Zeladoras da UMF, assim como alguns benfeitores e amigos das missões. Às 10h00 houve um Encontro de formação e esclarecimento, que serviu também para dar a conhecer a situação concreta da atividade missionária dos Franciscanos. Este ano falámos da presença franciscana em Marrocos. E foi passado um filme sobre algumas missões. O Procurador Nacional, Frei Vítor Rafael, sublinhou em seguida que para todo este trabalho missionário vá por diante é imprescindível o trabalho zeloso dos benfeitores das «Missões Franciscanas». Depois do primeiro momento for-

mativo todos se dirigiram para junto do monumento a Santo António para uma celebração de louvor. Às 12h00, celebrou-se na Igreja do Convento a Eucaristia pelas intenções do Zeladores e Associados e foi presidida pelo Procurador Nacional da UMF.

Pelas 13h00, no grande refeitório, deu-se início ao almoço fraterno, com a presença de cerca de 120 convivas, que saborearam um apetitoso caldo verde, assim como as sardinhas e as febras. Bebidas e doçaria variada também não faltou, trazida pelos participantes. Após o almoço, pelas 14h30, veio a parte recreativa. Este ano tivemos a

presença da Banda Filarmónica do Marrazes – Leiria.

No intervalo foram sorteados vários objetos provenientes de África e Terra Santa, referentes às rifas que antecipadamente tinham sido vendidas. Tudo terminou pelas 16h15.

Resta-nos agradecer a todos os participantes e aos que colaboraram mais diretamente na organização deste encontro de animação missionária. Paz e Bem! ●



Editorial



Texto: Frei Vítor Rafael, OFM

Celebramos o Dia dos Avós, escolhido para a comemoração porque é o dia de Santa Ana e São Joaquim, pais da Virgem Maria e avós de Jesus. Este ano o dia 26 é ao Domingo. Pensemos nos nossos “avós”... nos que de algum modo nos ajudaram neste caminho e peçamos a Graça de sabermos ser gratos por tanto bem recebido.

Valorizemos a sua presença e transmitamos aos netos a importância de respeitar os mais velhos, de ouvi-los com atenção e de ter paciência para com eles, aproveitando o presente para demonstrar aos avós o quanto eles são importantes e amados...

A missão é de todos nós e a todos é pedido que trabalhe-mos para a missão espiritual da Igreja. Movidos pelo ardor missionário, muitos partem em todas as direções e regiões do mundo. Os Leigos preparam-se e seguem para a missão, queremos ficar em sintonia com todos os que vão dar parte da sua vida nas missões *ad gentes*.

Iniciámos no mês passado a Campanha de «Pão dos Pobres» para as missões 2015.

Quero já agradecer a receptividade que está a ter junto dos benfeitores da União Missionária Franciscana e nos leitores deste Jornal.

Esperamos que, na medida das posses de cada um, todos possam continuar a responder de forma positiva a este apelo. Vamos continuar a trabalhar em prol das «Missões Franciscanas»!

ASSINATURA DO JORNAL M.F.

. Cheque: à ordem de União Missionária Franciscana;
. Transferência Bancária: NIB - 0010 0000 2614049000117 - BPI (enviar comprovativo de pagamento e n.º de assinante).



Texto: Isabel Galamba de Castro
Advogada

“Pára-me de repente o pensamento...”

É o título de um filme de um autor português, Jorge Pelicano, que me sugeriu uma reflexão sobre outro filme, este amador, que no passado mês de maio marcou todos os telejornais e inundou a comunicação social, que o transmitiu até à exaustão. Eram imagens de violência entre vários jovens menores de idade. O caso passava-se na Figueira da Foz e as imagens eram de um rapaz de 15 anos a ser agredido por outros da mesma idade sem que oferecesse qualquer tipo de resistência. Dizem que o vídeo se tornou viral e que seis meses depois do facto ter acontecido a mãe do agredido apresentou queixa. Não houve quem não tivesse analisado o fenómeno classificando-o como *bullying*. O termo anglófono corresponde a “uma forma de violência contínua que acontece entre colegas da mesma turma, da mesma escola ou entre pessoas que tenham alguma caracte-

terística em comum, (por exemplo: terem mais ou menos a mesma idade; estudarem no mesmo sítio)”. Caberá ao Tribunal averiguar, mas, apesar da violência das imagens, uma pergunta não poderá deixar de ser feita: e se tudo o que vimos, - não necessariamente apenas este episódio-, não passe de uma encenação para esse imenso “olho” que é o facebook? Até que ponto é que a necessidade de atenção, de partilha, de relação com os outros, leva os nossos jovens a encenar cenas chocantes na esperança de se tornarem virais? É que, embora não haja ainda estudos publicados que relacionem o fenómeno da violência em meio escolar com as redes sociais, o certo é que muitos dos processos disciplinares deixam transparecer uma estreita relação entre o que é publicado nas redes sociais e as atitudes agressivas dos jovens contra seus pares.

Na Finlândia, país europeu de referência na educação, todas as escolas públicas têm equipas de assistência ao estudante. As mais completas são compostas por um psicólogo, um assistente social, um enfermeiro, um orientador escolar, um professor do ensino especial, para além do diretor. Constituem uma verdadeira força de intervenção que atua ao primeiro sinal de alarme, pois os alunos têm direito a

encontrar-se com estes profissionais normalmente uma vez por semana. **Sublinho o têm direito porque entre nós, nas escolas que possuem psicólogo/o, os pais e os alunos recusam muitas vezes a sua intervenção por a considerarem estigmatizante.**

Esta equipa de intervenção reúne para identificar possíveis problemas com os alunos e decidir a melhor forma de resolvê-los. Falamos de problemas de aprendizagem, de comportamento, suspeitas de *bullying* ou carências familiares.

Há muito que o ensino em Portugal devia ser alvo de discussão pública e alargada, em vez de se continuar a remendar os conteúdos dos programas, a mudar as escolas de agrupamento para mega agrupamento, a encontrar culpados nas famílias, nos professores, na internet e noutras realidades que todos conhecemos, porque **a escola como instituição grita por mudança.** O público que a frequenta é cada vez mais heterogéneo e os nossos sucessivos ministros no seu pequeno labirinto teimam em inventar cursos e esquemas de ensino alternativo, sim, mas assente sempre na premissa da escola velha, quando a escola nova terá de ser uma realidade radicalmente diferente daquilo que hoje conhecemos.●

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: União Missionária Franciscana
Diretor e Chefe de Redação: Vítor Manuel Gomes Rafael, OFM

Redação e Administração: Apartado 1021 - 2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904/6 Fax: 244 839 905
E-mail: umfprocnac@gmail.com
Site: www.uniao-missionaria-franciscana.org

Projeto Gráfico: www.incentea-mi.pt
Paginação: inCentea Marketing e Inovação

Colaborações: Adriana Palmela, Frei Álvaro Cruz Santos Silva, Helena Espírito Santo, Isabel de Castro, Fr. José Lima, Líliana Carvalho, Madalena Abreu, Sérgio Fonseca.

Impressão: Jorge Fernandes LDA.
Quinta do Conde de Mascarenhas, n.º 9
2825-259 Charneca da Caparica

Tiragem: 8000 exemplares

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207



Assinatura Anual 5,50€
Assinatura Benefitora 10,00€
Avulso 0,50€



PEREGRINAÇÕES FRANCISCANAS - ANO 2015

JORDÂNIA de 6 a 13 de outubro

Visita a locais que ficaram na história, com respetivas culturas, desde os tempos do Antigo Testamento. Venha relembrar os caminhos percorridos por Moisés (com realce para o Monte Nebo), Petra (a cidade dos Nabateus), Jordão (recordação do batismo de Jesus), Mar Morto, etc., sempre acompanhados de guia credenciado. Oportunidade para reviver o passado e assim aprofundarmos a nossa fé.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Pe. António Marques de Castro
Convento de Varatojo/Torres Vedras
Telm.: 938 467 160

Frei Vítor Rafael
União Missionária Franciscana – Leiria
Tel.: 244 839 904
email: umfprocnac@gmail.com



Jordânia

De 15 a 17

Uma releitura 'livre' da Mensagem de Fátima (III)

Texto: Frei Álvaro Cruz da Silva, OFM

“De três crianças a milhares de peregrinos”

Este é já o terceiro artigo da rubrica «De 15 a 17», ou seja, um conjunto de artigos publicados no nosso jornal Missões Franciscanas, desde 2015 a 2017. À distância de um século e de forma simples, tento dar a conhecer aos nossos leitores algumas notas histórico-religiosas que se referem aos acontecimentos de 1917 na Cova da Iria e que 100 anos passados têm incidências em todo o mundo. Nós hoje possuímos muita e boa documentação sobre as aparições de Fátima e a sua doutrina. Mas só nos anos 30 do século passado se começa a dar atenção a Fátima. De 1915 a 1917 nada do que eu digo aqui se podia dizer, porque tudo estava a acontecer.

No dia 10 de agosto de 1917 os pastorinhos recebem ordens para

ir à administração a Vila Nova de Ourém. No dia 13 foram presos, no dia 14 começaram os interrogatórios e as ameaças. Mas as aparições continuaram até outubro de 1917.

O vidente Francisco Marto morre a 4 de abril de 1919 e a 20 de fevereiro de 1920, no hospital D. Estefânia em Lisboa, morre Jacinta Marto. Por mandato de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, Lúcia é mandada para o Asilo do Vilar no Porto, orientado pelas Irmãs Doroteias. Antes de ir para o Porto, vai a Fátima no dia 13 em junho de 1921, pela última vez. **Segue-se para Lúcia dos Santos um longo tempo de «caminhada na solidão do deserto».** É certo que durante este tempo de deserto, estudou, cultivou-se intelectual e espiritualmente.

Fátima deixou de contar com a presença física dos três pastorinhos, mas passou a contar com centenas e milhares de peregrinos devotos da Virgem Maria, que em maior ou menor número nunca deixaram de vir à Cova da Iria rezar e cantar em louvor de Nossa Senhora.

Este é o primeiro sinal que algo de extraordinário estava a acontecer.

O lugar visitado pela Mãe do Céu não era um lugar reservado aos pastorinhos, mas sim a gerações e gerações de crentes que de um extremo ao outro da Pátria Lusa começaram a vir à Cova de Iria, nos dias 13, quer nas chamadas «Peregrinações Aniversárias», quer anonimamente fora dos dias 13.

Há que destacar primeiro a mensagem de Nossa Senhora aos pastorinhos. E depois a divulgação da Mensagem de Fátima, uma mensagem originariamente evangélica, que assenta na oração e na penitência, tão recomendada por Jesus no Novo Testamento. Esta mensagem veio a ser depois complementada com a doutrina sacramental, particularmente com a dimensão eucarística e com a doutrina eclesiológica, no que se refere à figura do Papa, «o Bispo vestido de branco» que os pastorinhos desde sempre associaram aos relatos das aparições. A vertente eucarística ficaria para sempre unida à Mensagem de Fátima com as visitas do Anjo. Em 1916 dá-se a segunda aparição do Anjo, como nos relata a Irmã Lúcia nas suas Memórias. Agora, também os seus primos, Francisco e Jacinta, tiveram a dita de ver aquela presença do Céu. Era

como se fosse “um jovem de 14 ou 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza”.

E continua a irmã Lúcia, relatando agora novas aparições do Anjo: “... brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro... de repente, vemos junto de nós a mesma figura do Anjo...”. E mais tarde contámos ainda a Ir.^a Lúcia o que acontecera no olival da Prégueira, um pouco mais acima dos Valinhos, quando rezavam: “vemos que sobre nós brilha uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o Anjo, tendo na mão esquerda um Cálice, sobre o qual está uma Hóstia”. As aparições do Anjo de Portugal contam com um conjunto escultural fixado na Loca do Cabeço desde 12 de agosto de 1958, da autoria da escultora Maria Amélia Carvalheira. ●

MATERIAL MISSIONÁRIO 2016

Já se encontra disponível há algum tempo o material missionário para 2016. Se gostaria de ajudar as Missões Franciscanas através da divulgação deste material (Calendário, Agenda e Almanaque), entre

em contacto connosco, nos locais habituais onde os franciscanos estão presentes. Ou peça diretamente a: Missões Franciscanas, Apartado 1021, 2401-801 Leiria. Tel.: 244 839 904 ●



RETIRO ANUAL DA UNIÃO MISSIONÁRIA FRANCISCANA

27 a 31 de agosto

A União Missionária Franciscana vai realizar no Santuário de Fátima o seu Retiro Anual na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores.

Terá início no dia 27 de agosto, à tarde (chegada pelas 17 horas, para distribuição dos quartos), e termina com o almoço do dia 31 de agosto, segunda-feira, englobando 4 diárias. O preço é igual ao ano passado.

A finalidade deste encontro é proporcionar aos participantes 4 dias de Retiro espiritual junto de Nossa Senhora, aproveitando os momentos fortes do Programa do Santuário (retiro aberto).

INSCRIÇÃO:

Inscrição única para os participantes: 10,00 euros (ajuda das despesas de preparação).

ALOJAMENTO COMPLETO POR PESSOA:

Quarto individual: 130,00 Euros
Quarto duplo: 120,00 Euros

INSCRIÇÕES:

Procuradoria Nacional das Missões Franciscanas
Rua dos Mártires, 1 – Apartado 1021
2401-801 LEIRIA
Tel.: 244 839 904/6. ●



Por terras de Marrocos

Uma África diferente... (parte I)

Texto: Frei José António C. Pereira, OFM

“No segundo dia visitámos a missão franciscana de Marraquexe. Era Domingo e celebrámos a Eucaristia na igreja dos Mártires de Marrocos”

Anunciada como peregrinação às missões franciscanas de Marrocos, a viagem, organizada pela União Missionária Franciscana, era também, para quem conhece alguns países da África negra, uma oportunidade de fazer comparações e constatar diferenças.

Os portugueses sabem que Marrocos fica perto. A capital mais próxima de Lisboa é Rabat. Mas é a África... É um país do norte de África, por onde passou nos últimos tempos uma onda de liberdade, nem sempre com bons resultados. É um país muito extenso, com perto de 40 milhões de habitantes, monarquia absoluta, seguidora do Islão.

Ser marroquino é ser muçulmano. Ser cristão marroquino é uma contradição. Alguns marroquinos, que vivendo na Europa se convertem à fé cristã, regressando a Marrocos, passam à clandestinidade. A um sacerdote franciscano que quis visitar um cristão marroquino na cadeia, foi simplesmente dito que não existem marroquinos cristãos. E a visita não foi permitida.

Marrocos é um país arabizado, mas a maioria da população não é árabe, mas berbere em cerca de sessenta por cento. E os berberes têm cultura e língua próprias e dominam vários setores da atividade econó-

mica. Estão presentes em todo o país e até na construção das suas casas se nota o cunho cultural próprio. Mas durante muitos anos a sua identidade foi abafada em todas as suas expressões. A primavera árabe fez com que as autoridades se antecipassem e concedessem aos berberes direitos cívicos que durante muitos anos lhes foram recusados. Agora já se ensina a sua língua e em muitas cidades é obrigatório o uso das três línguas oficiais: árabe, berbere e francês.

O primeiro contacto com a realidade marroquina deu-se em Marraquexe. Foi capital do reino dos Almoadas, que dominou desde o Mali ao Egito e ao sul da Península Ibérica. Grande centro comercial no século XI e seguintes. Ali se transacionava ouro e especiarias. Dizia-se: em Marraquexe passa-se depressa para não ser roubado. É dominada pela Mesquita Kotobia, a maior das muitas mesquitas da cidade, que marca a escala arquitetónica. Nenhum edifício pode ser maior que a mesquita. Por isso, Marraquexe de hoje é uma cidade larga, elegante e luxuosa - a “Las Vegas” de África -, onde os famosos do mundo fazem questão de ter casa. Entre eles Cristiano Ronaldo. Deambulámos pela cidade de muitos palácios e túmulos régios e metemo-nos pela medina dos cheiros e dos sabores típicos. O dia terminou em “Chez Alli” com um espetáculo de folclore e cultura ancestral a celebrar a destreza de danças e muitos ventres.

No segundo dia visitámos a missão franciscana de Marraquexe. Era Domingo e celebrámos a Eucaristia na igreja dos Mártires de Marrocos, os primeiros franciscanos a dar a vida pela fé. E que S. Francisco considerou os primeiros verdadeiros frades menores. **A igreja fica situada mesmo em frente da mesquita de Gueliz. Ali trabalham três irmãos franciscanos:** um canadiano, um belga e um espanhol. A maior parte dos cristãos que dão vida às comunidades assistidas pelos franciscanos são emigrantes que vêm de quase todos os países africanos para trabalhar e sobretudo para estudar, sempre numa atitude de respeito pela população árabe e seu credo, com quem têm as melhores relações. A igreja, cons-



Grupo de peregrinos em Marrocos.

truída em 1928, está em restauro. Os frescos do altar-mor estão a ser restaurados com dinheiro enviado pelos franciscanos de Portugal.

No terceiro dia deixámos Marraquexe com destino a Beni Mellal, a capital agrícola de Marrocos. À medida que nos aproximávamos das montanhas do Atlas, cada vez se tornava mais visível que não foi só nas cidades que se deram grandes mudanças. Nos vales do Atlas, bem regados pelas águas de cerca de 80 barragens, pudemos verificar a presença de uma agricultura moderna e industrial. Já na descida de avião para Marraquexe essa agricultura se anunciava. Todos os produtos típicos do Mediterrâneo e outros mais próprios de África se cultivam ali segundo os métodos mais modernos. Parámos na cataratas de Ouzoud, local paradisíaco nas encostas do Atlas. Hospedámo-nos em Beni Mellal. A sinfonia incrível de aves que nos acordou no dia seguinte fez esquecer o cansaço do dia anterior e pôs-nos a caminho de Fez.

Atravessámos a província de Ifrane, a Suíça de África. Passámos por Azrou, cidade berbere, cruzamento antigo de rotas históricas de caravanas que se dirigiam a Fez e Meknes. Até nas casas se nota a ausência da cultura árabe. Era tempo de cerejas, que se vendiam à borda da estrada. Irresistíveis para a nossa caravana. Passámos por Ifrane, capital da Suíça do Atlas, lugar de férias de gente abastada. O monumento mais visitado é uma escultura ao leão do Atlas, habitante destas montanhas durante séculos,

cujo último exemplar desapareceu em meados do século XX. No fim do dia chegámos a Fez.

Fez, património mundial pela Unesco, é a capital cultural de Marrocos e a mais antiga capital imperial. O primeiro contacto com Fez foi uma viagem panorâmica que nos mostrou a grandeza da medina, com 900 ruas de vida, negócios e segredos, assim como a cidade moderna de 700 mil habitantes. A história de Fez cruza-se com a história de Portugal. À nossa memória histórica assumem-se recordações trágicas, bem simbolizadas na coluna onde presumivelmente teria morrido o infante D. Fernando, tendo sempre presente a figura do Rei Infante desaparecido no nevoeiro duma história que nos deixa saudades. No dia seguinte metemo-nos pela medina dentro, mercado de cores e sabores que nos levam à Idade Média das caravanas que aqui se cruzaram e fizeram negócios de panos, olaria, curtumes, tapetes, metais trabalhados... Tudo se negocia e regateia. É um labirinto de 900 ruas estreitíssimas, onde se escondem segredos históricos: muitas madraças que foram centros de cultura; a mesquita Karouina, que foi sede da primeira universidade do mundo. Ali ensinaram os grandes filósofos árabes, como Averróis, Avicena, Maímónides e outros que trouxeram o aristotelismo para a Europa; muitos palácios a recordar luxos de outras eras. Almoçámos por duas vezes nesse ambiente palaciano carregado de memórias e mistérios. ●

Varatojo – Festa Missionária

Procuradoria de Varatojo realizou a Festa Missionária a 31 de maio

Texto: Frei António Castro, OFM

“sentir esta obrigação de olharmos para a humanidade como uma família onde é urgente implantar os valores do Evangelho”

A Procuradoria da UMF de Varatojo realizou no último domingo de maio – Solenidade da Santíssima Trindade – a sua costumada Festa Missionária, com a presença de um razoável número de amigos e colaboradores que dão apoio às Missões que a Ordem Franciscana tem espalhadas pelo mundo. Teve a presença do res-

ponsável principal a nível nacional da UMF (Frei Vítor Gomes Rafael), assim como do responsável a nível regional (Frei António Marques de Castro).

Foram dois momentos importantes que ficaram a marcar esta Jornada Missionária. De manhã, na igreja do milenário Convento, a celebração da Eucaristia, presidida por Frei Vítor Rafael. Após a proclamação do Evangelho, o presidente da assembleia cristã lembrou o mistério de um Deus uno e trino, formando uma Família. Falou-nos de um Deus que é a fonte da missão, que enviou o Filho para anunciar os mistérios do Reino e do Espírito que é o motor da mesma missão.

Festa da Família que a Igreja diocesana neste dia celebrou em união com o seu pastor deve levar-nos também a sentir esta obrigação de olharmos para a humanidade como uma família onde é urgente implantar os valores do Evangelho. Neste sentido, Frei Vítor Rafael lembrou o “mandato missionário” de que falava o evangelho, quando Jesus, antes de subir para o Pai, enviou os seus por todo o mundo dizendo: “Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Porque recentemente um grupo de algumas dezenas de amigos das Missões Franciscanas fora em Peregrinação por terras de

Marrocos, lembrou a atividade missionária franciscana nesse país, que vem já dos tempos de S. Francisco, e a realidade que a todos foi dado verificar na breve visita às missões confiadas aos Franciscanos: em Marraquexe, Meknes e Rabat. Em todas elas foi possível celebrar a Eucaristia, deixar suas ofertas e ouvir dos missionários o testemunho daquilo que vão fazendo, por vezes mais pelo testemunho de vida e ações concretas, em favor dum povo onde a esmagadora maioria dos crentes é muçulmana.

A meio da tarde, o anunciado espetáculo no Salão de Festas da Associação de Santo António. Programa variado, divertido e instrutivo, com a colaboração dos oito Irmãos Novíços (oriundos de países de Missão

– Moçambique e Timor Leste), do Grupo Juvenil do “Rancho Folclórico Camponeses de Varatojo” e bem assim de outros grupos juvenis que, durante cerca de duas horas, conseguiram criar um ambiente de sã alegria e convívio. Tudo isto graças à orientação de Teresa Ricardo, que, ao longo de meses, foi roubando um bocadinho do seu tempo em ensaios e contactos, para que tudo saísse bem. Nos intervalos, os habituais leilões, a cargo de Fr. António Castro, com a finalidade de angariar alguns fundos para as necessidades missionárias.

A todos os que, direta ou indiretamente, deram a sua colaboração, a União Missionária Franciscana deseja expressar o seu reconhecimento sincero. ●



DIA DO CONSAGRADO NA PARÓQUIA DE S. PEDRO DE VILA REAL

Texto: Frei José António Correia Pereira, OFM

O assunto foi discutido no Conselho de Pastoral da Paróquia da Paróquia de S. Pedro. Se a Igreja dedica este ano à Vida Consagrada, como celebrar o Ano da Vida Consagrada na Paróquia? Foram publicados lindos escritos sobre a Vida Consagrada, deu-se algum relevo ao dia do Consagrado, no dia 2 de fevereiro. Mas a nível das paróquias? Parece que esse assunto não interessou. E devia interessar. Afinal tudo começa na paróquia...

Quando o assunto foi posto à discussão, primeiro foi preciso alguma catequese sobre o lugar da Vida Religiosa na Igreja. E se poucas paróquias se preocuparam com o assunto, uma paróquia que é animada por uma comunidade religiosa e tem três congregações a viver e a trabalhar ali, não podia deixar passar este ano sem dar algum relevo ao assunto. Se as paróquias anima-

das pelos religiosos não o fazem, muito menos as outras. As paróquias animadas por religiosos não devem ser iguais às outras.

Depois de algum diálogo assentou-se que o mais urgente seria dar a conhecer as três Congregações que trabalham na paróquia: os Frades Menores Franciscanos, as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição e as Irmãs da Divina Providência e da Sagrada Família. Como dá-las a conhecer? Era preciso aparecer, sair dos conventos e andar nas ruas e interagir com as pessoas. Assim se pensou. Assim se decidiu.

E, no dia 9 de maio, com o apoio de algumas irmãs Franciscanas Hospitaleiras de Bairros, um bom número de jovens franciscanos de Braga que vieram com duas irmãs da Divina Providência e Sagrada Família, saímos para as ruas de Vila Real. Cada um com os seus desdobráveis, sempre a cantar ao som da viola, calcorreámos as ruas, metemo-nos nos centros comerciais, cafés e esplanadas, invadimos a feira de antiguidades e falámos de nós com alegria e entusiasmo. E as pessoas

gostaram de nos ver descontraídos a falar de nós. A alegria contagiava. Foi assim até ao almoço e alguns dos mais jovens ainda voltaram às ruas da parte da tarde.

O dia terminou com a Eucaristia animada por todos os religiosos presentes e presidida pelo senhor Bispo de Vila Real, onde festejámos a Irmã Joaquina Ribeiro da Silva, da

comunidade que trabalha no Paço, que celebrava as bodas de ouro. O senhor Bispo congratulou-se com a nossa iniciativa e exortou-nos a sair das “gavetas”, para que nos conheçamos melhor. No fim da Eucaristia fomos convidados para o Paço, onde nos foi preparada uma ceia bem farta. ●



O menino que não falava

Um testemunho de Fé

Texto: Frei José dias de Lima, OFM

“nunca mais duvidou das graças que Nosso Senhor Jesus Cristo pode conceder, através de S. Bento”

Custódio, não fora o facto de ter chegado aos três anos de idade sem falar, seria uma criança perfeitamente normal. Os pais vinham manifestando a sua preocupação, pelo facto de o filho, já aos dois anos, ainda não ter começado a dizer aquelas frases ainda mal pronunciadas tipo: «mamá qué colo», «papá qué água!» etc...

Quando o pai pensou contrair um empréstimo para tratar do filho a avó materna discordou e disse-lhe:

– Vais empenhar-te, e não vais resolver

nada! Porque não levas o menino ao S. Bentinho?

– Tal mãe, tal filha! Dá para ver onde a minha mulher herdou tanta credence!

– respondeu o pai.

– Zombam da fé os insensatos! Não queres?! Tenho pena! – contestou a avó.

– Não se zangue que depois tenho de ouvir a sua filha. Vamos lá, pronto!

Aquela avó, acompanhada do menino e dos pais, lá foi até ao Santuário de S. Bento, em Rio Caldo, Terras de Bouro. Após a Eucaristia, a avó subiu até à imagem de S. Bento e encostou, com muita devoção, a cabecinha da criança à imagem do Santo Patriarca, enquanto o pai, que se recusara a subir também, esboçava um sorriso de ironia. Seguidamente, aquela avó foi colocar uma velinha pelo neto e foram embora.

– Já almoçámos, e já estamos a caminho de casa e o rapaz continua mudo – reclamou o pai para a sua esposa.

– Ó homem, dá tempo ao Santo que, de certeza, está a despachar outros pedidos, ou pensas que és o único pai com problemas?! – disse a mulher.

– Se assim é, com tanta gente que vi entrar naquela Igreja, bem que chego a velho e o rapaz continua sem falar até à idade de casar – ironizou o marido.

– Caramba, homem, nem sei como a minha filha tem pachorra para te aturar! – interveio a avó.

– Pois, pois! Para não a aturares é que

me a empurraste para mim!

– Essa agora! Só falta dizer que te obriguei a casar com ela ou que vos arranjei o namoro!

– Papá, porque estás a ralar com a avó?! – interrompeu o menino, no aceso da discussão.

Por momentos ninguém reagiu. Entre o orgulho do pai e o sentimento de satisfação de uma batalha ganha, por parte da avó e da mãe, começaram a trocar palavras com a criança que, milagrosamente, desenvolveu uma conversa perfeitamente normal própria da sua idade atual, três aninhos.

– Estás a ver, marido? Viste como ganhámos em ir com a minha mãe a Rio Caldo alcançar o milagre de S. Bentinho? – disse a esposa, já em casa.

– Mas, com a tua mãe ganhámos alguma coisa?! É o médico que me há de dar a resposta do que aconteceu e não as vossas credences! Milagre?! Foi uma coincidência! Se tivéssemos ficado em casa, acontecia em casa!

– Ó homem, que é preciso acontecer agora para que acredites?!

– Que o menino deixe de falar outra vez! – atreveu-se o pai, que depois, virando-se para o filho perguntou-lhe, em continuação da zombaria – Filho, não te parece que a tua mãe e a tua avó têm um parafuso a menos? Se ficasses sem falar outra vez, o mais que poderia acontecer era não sermos despacha-

dos tão depressa como fomos que, de certeza, o Santo se enganou na ordem e nos passou à frente de tanta gente, só pode! Não te parece filhote?

A criança abriu os bracitos, encolheu os ombros e fez beicinho mas nada disse. O pai apercebeu-se que o menino ficara mudo de novo. Aterrorizado com a situação, mudou a sua face de troça num ar de profunda preocupação, pegou no menino e rumou de novo ao Santuário. Ajoelhou em oração e em profundo arrependimento, enquanto o filho permanecia de pé, ao seu lado. Quando já passava mais de meia hora naquele recolhimento, e pensando que o castigo por trocar de S. Bento seria irrevogável, sentiu a mão do menino a pegar na sua, enquanto dizia:

– Papá, estou cansado de estar em pé, quero ir para casa!

Emocionado, aquele pai levantou-se, abraçou o filho e, arrependido de ter zombado de S. Bento, subiu com a criança até junto à sua imagem, e repetiu o ritual que a avó materna tinha realizado, e do qual xingara. Acreditando, desta vez, que nada foi fruto do acaso, nunca mais duvidou das graças que Nosso Senhor Jesus Cristo pode conceder, através de S. Bento, o Santo Patriarca e Padroeiro da Europa. ●

IGREJA DE MAGUMBELA

Texto: MF

A Comunidade cristã de Santo Agostinho, uma das muitas que compõem a Paróquia – Missão de Nossa Senhora de Fátima de Jangamo, na Diocese de Inhambane, Moçambique, tomou a iniciativa de construir uma nova igreja na povoação de Magumbela, para substituir a velhinha, em pau-a-pique (madeira), que não reunia o mínimo de condições para a celebração do culto, da catequese e de outras atividades indispensáveis para o seu crescimento integral, com base na fé, na caridade e na comunhão e partilha de bens.

A igreja, cujos frontispícios vemos na foto, está praticamente concluída. Há agora que pensar em dotá-la e embelezá-la, tanto interna como externamente de um altar condigno, de uma Cruz com

Cristo, de imagens, de um sino e de muitas outras alfaias litúrgicas indispensáveis, que não é possível encontrar em Moçambique.

Gostariam os muitos leitores do “Missões Franciscanas” de abrir seus corações à generosidade, e assim contribuir para oferecermos a estes tão valentes irmãos moçambicanos pelo menos uma, ou mesmo até as duas imagens que tão insistentemente nos têm pedido!?

Imagem de São Pedro e de São Paulo em fibra de vidro de 1,50 m de cor Marble, cada 2045,00 Euros.

Qualquer ajuda é importante. Pode ser enviada para o Jornal Missões Franciscanas referindo que se destina às imagens. Passaremos recibo para IRS se for solicitado. Gostaríamos de satisfazer este pedido, mas depende de todos.

Missões Franciscanas, Apartado 1021, 2401-801 LEIRIA ●



Frei Luís Pereira de Mesquita

O devoto da Senhora do Sameiro (Parte I)

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“Bendito seja Deus que a Senhora do Sameiro curou o meu filho!”

Para compreendermos a presença de Nossa Senhora do Sameiro na vida do Frei Luís Mesquita, é necessário recuar à sua infância e concluirmos que, antes deste frade se ter tornado devoto da Mãe de Deus, já a Senhora o cobrira com o Seu Manto e o tornara seu predileto.

Luís Pereira de Mesquita, nascido a 17 de agosto de 1923, na cidade de Braga, Freguesia de S. Victor, aos quatro anos de idade ainda não andava. O pai, como bom bracaraense que era, fez uma promessa a Nossa Senhora, sob o título de Senhora do Sameiro. Subir o Monte Sameiro, que se levanta altivo sobre a Cidade de Braga, com o catraio às costas, até ao Santuário Mariano que o povo Bracaraense ali ergueu

em louvor da Mãe de Deus, sem o poisar no chão, senão quando lá chegasse.

Ora, já na subida, depois de tanto tempo às cavalitas do pai, o rapaz não se conteve e disse-lhe, aflito:

– Pai, acabei de sujar os calções!

– Deixa lá rapaz, nem precisas dizer, que dei logo por isso!

– E agora pai, não queres parar?!

– Parar? Quando regressarmos a casa tomas um banho! Só paramos lá no alto junto da Senhora do Sameiro, pois já estamos a mais de metade do caminho! A promessa é levar-te às cavalitas sem te poisar os pés no chão. Quando os poisares é para te ver andar, que a Senhora do Sameiro vai conceder-me essa graça.

E assim, apesar daquele imprevisto, continuou a caminhada ascendente e íngreme, porque o importante era cumprir a promessa. O certo é que, depois de ter chegado ao Santuário, antes de poisar o filho no chão, e recolhendo-se a um canto, onde ninguém fosse incomodado com aquela situação pouco agradável ao olfato, fez as orações que se propôs erguer ao céu e depois colocou o rapaz no chão. Ó pernas! O rapaz deu a correr dentro do Santuário, como se a Senhora do Sameiro o esperasse de braços abertos. Na companhia do pai, desceu o monte Sameiro pelos

seus próprios pés pulando monte abaixo e andando perfeitamente. O seu pai, lavado em lágrimas, não duvidou e disse a quem quis ouvir:

– A Senhora do Sameiro curou o meu filho! Bendito seja Deus que a Senhora do Sameiro curou o meu filho!

Foi este acontecimento na vida do Padre Mesquita que marcou, para sempre, a sua devoção a Nossa Senhora do Sameiro, a quem rezava diariamente o terço, conservando sempre o ritual de dar um beijo a Nossa Senhora do Sameiro, sempre que saía do seu quarto ou nele entrava, com a mesma profunda devoção de um filho de colo quando abraça e beija a sua mãe.

Este acontecimento, de ternura familiar, naquela devoção tão minhota à Senhora do Sameiro, por parte do seu pai foi, de facto, um sinal de que o menino Luís Mesquita viria a ser um Filho predileto de Nossa Senhora, ou seja, um sacerdote (tal como o seu único irmão, o José Luís, que viria a ser o Frei José Luís, sacerdote franciscano, falecido em Montariol e que dedicara o seu ministério à pastoral dos ciganos, em Lisboa).

Luís Mesquita, já meio espigadote, juntava-se com uns amigos de um tal Sr. Eduardo, na rua de S. Victor

e brincavam todos juntos. Era uma doideira pelas coleções de cromos de jogadores da Primeira Divisão de Futebol. Juntavam os cromos até completar a coleção e trocavam os repetidos uns com os outros. Foi então que, precisando de uns tostões para comprar mais cromos, os colegas, conhecendo o seu jeito para o teatro, se lembraram de lhe dizer:

«Mesquita, faz-te de ceguinho ali na porta do cemitério, que ainda cai algum tostão, para comprarmos cromos».

Coisas de criança! Lá foi ele, com o seu estilo brincalhão, para a porta do cemitério, revirando os olhos e pedindo esmola. As pessoas diziam, enquanto lhe punham a moeda na mão, “ah, coitadinho, tão novinho e tão bonitinho e já ceguinho”.

Arrependeu-se da maroteira pois, embora sem essa intenção, tendo caído na ingenuidade pelo incitamento dos colegas, fizera troça dos invisuais.

Certo é que, deste ceguinho faz de conta, surgiu o Padre Frei Luís Pereira Mesquita, que foi, como veremos, na continuação, um presente de Deus para a Ordem Franciscana e para a Igreja. ●

II CAPÍTULO DAS ESTEIRAS EM MONTARIOL

Texto: OFM

Convívio fraterno, oração e alegre partilha. Estas foram as motivações que reuniram mais de oitenta frades para o II Capítulo das Esteiras, celebrado entre as Províncias de Portugal e de Santiago. O encontro aconteceu no último dia 1 de maio no Convento de Montariol – Braga. Da Província de Santiago estiveram presentes irmãos das várias fraternidades do território espanhol que compõem a entidade. Em breve apresentação o Ministro Provincial, José Antonio Castiñeira, OFM, deu a conhecer as atividades desenvolvidas em cada Casa.

A província anfitriã dos Santos Mártires do Marrocos de Portugal, na pessoa do seu Ministro Provincial, Frei Vítor Melícias, OFM, encarregou-se de acolher a

todos na mais fraterna tradição franciscana. Gestos como a amiga troca de presentes, designadamente das imagens da Imaculada Franciscana e de São Francisco, e a partilha à mesa falaram mais que todas as palavras.

O Bispo Emérito de Bragança-Miranda, Dom Frei António Montes Moreira, OFM, recordou a história comum das duas províncias entre 1232 e 1421. Ao presidir a celebração Eucarística Dom António reforçou ainda os objetivos do Ano da Vida Consagrada: “olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança”.

Em sessão dedicada aos temas centrais deste II Capítulo das Esteiras Galaico-Português, Frei Armindo de Carvalho e Frei Vítor Melícias falaram sobre o Ano da Vida Consagrada e o Capítulo Geral OFM, que terá lugar em Assis de 10 de maio a 7 de junho do corrente ano.

Entre conversas e troca de experiências, os frades foram também convidados a conhecer o Centro de Acolhimento “O Povelletto”, que presta cuidados continuados e paliativos a muitos doentes. Impressionou

a todos o espírito franciscano do trabalho social desenvolvido e atenção à dimensão espiritual, tanto dos doentes como de seus familiares. ●



Colégio São Boaventura

25.^a graduação no colégio São Boaventura de Lusaka – Zâmbia

Texto: Frei Orlando Augusto Nhachengo, OFM

“é preciso trabalhar para colher assim”

No passado dia 14 de maio de 2015, os que em 2012 lançaram a semente em boa terra e que deu muito fruto colhiam, cheios de muita alegria, o fruto do seu trabalho. Claro que é preciso trabalhar para colher assim como dizia o Evangelho lido na missa da graduação.

Lusaka é a capital da Zâmbia. A nível da África e quase em todo o mundo, este é o único colégio no qual se congrega toda a espiritualidade franciscana. Neste colégio há três casas: uma dos frades capuchinhos; outra dos frades menores e a outra dos frades conventuais, vindo da maioria das partes desta África. A comunidade dos Frades Menores



(OFM) congrega quatro entidades, a saber: Custódia de Moçambique, Custódia de Zimbabwe, Província da África do Sul e Província de Santo António de África e Madagáscar. Esta última é a Província maior pois é constituída por dez países africanos. Uma verdadeira harmonia!

A missa celebrada por um frade capuchinho e bispo, acompanhado pelos outros irmãos clérigos, começou às 9h30 no recinto do colégio com procissão dos graduados com cantos de entrada festiva, próprio de um ambiente de festa. O recinto estava repleto de gente

amiga e de conhecidos. Os graduados convidaram os seus amigos, os embaixadores de cada nação africana.

Da nossa Custódia os graduados foram: Frei Agostinho, Frei Neto Castro e Frei Titos Bodua.

Tivemos como primeira parte a missa solene, que terminou por volta das 11h30. Foi animada pelos irmãos com o esquema normal e nalgumas partes da missa o canto era de origem tradicional e popular com a sua dança africana.

Terminada a missa tivemos a cerimónia da graduação. O Reitor atual do Colégio exortou os graduados a seguirem em frente com ânimo.

Depois de outros intervenientes, começou com a chamada dos graduados para oficialmente receberem o chapéu preto. A festa terminou com o almoço partilhado.

Aos que já terminaram, de modo especial aos graduados, uma ótima continuação dos estudos e muitos parabéns, aos que estão à espera da colheita, muita força e aos que pela primeira vez querem semear, coragem pois, tudo é possível na vida. Que Deus ajude a todos! ●

SANTO ANTÓNIO, NOSSO PADROEIRO

Texto: Frei Edson Augusto Nhature, OFM

Santo António é um dos santos franciscanos mais conhecidos e populares no mundo; um santo à altura das pessoas simples e talvez seja mais conhecido que S. Francisco em algumas partes do mundo. Um santo que deixou um exemplo extraordinário a seguir. Apesar de ser um gigante intelectual nunca esteve à margem do ideal franciscano, a humildade e simplicidade. É padroeiro da União Missionária Franciscana e da Custódia da Terra Santa.

Este santo foi um homem sábio, formado entre os Cónegos Regulares de Santo Agostinho, um homem de uma cultura singular e a sua opção de vida religiosa mudou para os franciscanos quando viu os cinco Frades Menores que deixaram uma inquietação em António quando passam por Coimbra a caminho de Marrocos e daí a sua vida religiosa conheceu uma nova primavera, pois a

partir desse momento começou o desejo de ser missionário nas terras africanas, concretamente em Marrocos, mas o destino levou-o onde não imaginava e nesse contexto abandona a Ordem de Santo Agostinho e ingressa na Ordem Seráfica e foi o primeiro mestre de Teologia para os seus confrades.

Entretanto, quando se aproxima o dia 13 de junho, Jerusalém e a Custódia de Terra Santa não ficam alheias a esta grande solenidade franciscana, pois Santo António é o Padroeiro da Custódia e celebrar o Padroeiro é dizer obrigado ao santo que nos protege mas também é suplicar ao mesmo tempo para que não se canse de interceder por nós em particular nestas terras do mediterrâneo onde às vezes só se tem coragem de viver confiando na graça de Deus e um dos exemplos palpáveis é a Síria e a Faixa de Gaza.

Em Jerusalém as celebrações começaram no dia 10, três dias antes em vista à grande Solenidade do “Nosso Padroeiro”. Durante estes dias, as nossas orações vespertinas foram acompanhadas pela antífona ao santo: *Si quaeris miracula: mors, error,*

calamitas, daemon, lepra fugiunt, aegri surgunt sani... (Se milagres desejas recorres a Santo António, vereis fugir o demónio e as tentações infernais...). Um convite a ter confiança na intercessão deste santo, que a sua eficácia se evidencia todos os dias na Igreja e nas sociedades.

No dia 12, último dia do tríduo e também a vigília, em Jerusalém na igreja do Convento do Santíssimo Salvador, tivemos a celebração das I vésperas da Solenidade por volta das 17h30. Presidiu às mesmas o Custódio de Terra Santa. A celebração contou com a presença de muitos irmãos vindos dos conventos limítrofes e entre os quais a Família Franciscana em geral e os demais fiéis admiradores de Santo António. Durante a celebração houve a tradicional bênção dos pães distribuídos depois das vésperas e o Frei Marlon do Seminário Franciscano Internacional de Jerusalém renovou os seus votos nas mãos do Custódio.

No dia 13, tivemos a celebração eucarística que iniciou por volta das 10h30, presidida pelo Custódio de Terra Santa. Estiveram muitos concelebrantes, um

grande número de fiéis, religiosos e religiosas e diversos representantes das Igrejas Orientais.

No fim da Missa, todos a um único coro, recitámos a oração de Consagração da Custódia a Santo António. Tudo terminou com a partilha fraterna no refeitório do Convento de S. Salvador, onde estiveram os vários convidados, entre os quais das diferentes Igrejas Orientais, sinal de um ecumenismo concreto onde se partilha o pão na mesma mesa, sinal de fraterna união e paz.

As celebrações terminaram com as II vésperas presididas pelo guardião de S. Salvador, Frei Stéphane, no fim das quais beijámos a relíquia de Santo António, sinal de veneração e amor para com este nosso irmão que nos precedeu na caminhada e nos deixou um exemplo singular por seguir.

Aos leitores do Missões Franciscanas, vão as minhas saudações fraternas de Paz e Bem! Santo António, Rogai por nós! ●